

atas
10 Congresso

SOPCCOM

Ciências da Comunicação

Vinte Anos de Investigação em Portugal

Título	Ciências da Comunicação Vinte Anos de Investigação em Portugal
Editores	Teresa Antas de Barros ; Sónia Ferreira ; Paula Lobo ; Salomé Morais ; Paula Rodrigues ; Filomena Sobral ; Luís Sousa
ISBN	978-989-99840-4-2 Viseu, 2019 © O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização da publicação de imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.
eBook	998 páginas
Design	Paula Rodrigues
Paginação	Pedro Araújo
Edição	SOPCOM / Instituto Politécnico de Viseu

A INFOCOMUNICAÇÃO COMO PROJETO COMUM DE DIÁLOGO E PRÁTICA

INFOCOMMUNICATION AS A COMMON DIALOGUE AND PRACTICE PROJECT

Fernanda Ribeiro¹
Armando Malheiro da Silva²

PALAVRAS-CHAVE

ciências da informação e comunicação em França, infocomunicação, oferta formativa das iSchools, transdisciplinaridade.

KEYWORDS

information and communication sciences in France, infocommunication, iSchools training offer, transdisciplinarity.

Resumo

Procura-se analisar a origem e a evolução das Ciências da Informação e Comunicação, nascidas em França na segunda metade do século XX sob o impulso de um grupo de investigadores de que Roland Barthes, Robert Escarpit e Jean Meyriat foram os mais representativos. A perspetiva integrada que defendiam para este campo de estudo obteve resultados concretos em França, mas a sua influência em outros países é praticamente desconhecida. Não obstante, sabemos que, através da criação do movimento académico das iSchools se foi modelando, na prática, o binómio informação e comunicação com um viés acentuadamente tecnológico e menos científico-social e humanístico. A análise da oferta formativa das iSchools permitiu demonstrar que, apesar de algumas escolas oferecerem formações em comunicação e informação, não existe uma consistente base epistemológica para suportar a visão integrada que caracterizava as SIC francesas nem uma real visão transdisciplinar. Nesta comunicação pretende-se mostrar que é possível desenvolver um projeto que aproxime profissionais da comunicação e da informação e que permita superar a dimensão profissional e descobrir afinidades no plano fenomenológico e epistemológico.

Abstract

The aim is to analyze the origin and evolution of the Information and Communication Sciences, born in France in the second half of the 20th century under the impulse of a group of researchers in which Roland Barthes, Robert Escarpit and Jean Meyriat were the most representative. The integrated perspective they advocated for this field of study has achieved concrete results in France, but its influence in other countries is virtually unknown. Nevertheless, we know that, through the creation of the iSchools academic movement, the information and communication binomial has been modeled with a markedly technological and less scientific-social and humanistic bias. The analysis of the programmes offered by iSchools showed that, although some schools offer training in communication and information, there is no consistent epistemological basis to support the integrated vision that characterized the French SIC nor a real transdisciplinary vision. In this paper we intend to show that it is possible to develop a project that brings communication and information professionals closer together, and that allows us to overcome the professional dimension and discover affinities at the phenomenological and epistemological level.

¹ Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Email: fribeiro@letras.up.pt.

² Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Email: malheiro@letras.up.pt.

As Ciências da Comunicação e da Informação – um Projeto Nascido em França

Jean Meyriat e Bernard Miège (2002) referem que, nos anos 60, a teoria da informação e da comunicação, surgida no pós-2ª Guerra Mundial nos EUA, era ainda quase desconhecida em França, com uma exceção: a École Pratique des Hautes Études, que através do Centre d'Études des Communications de Masse (CECMAS) e da sua revista *Communications*, contribuiu para introduzir e comentar as concepções que estavam sendo expostas e desenvolvidas nas universidades norte-americanas. Por outro lado, o Institut Français de Presse (IFP), criado em 1946 no seio do Institut d'Études Politiques (Sciences Po) e integrado na Universidade de Paris em 1957, e o Centre d'Études Littéraires et Scientifiques Appliqués (CELSA), criado em 1963 no âmbito da Sorbonne, deram igualmente o seu contributo, embora, de início, muito confinados a dois setores profissionais específicos – a imprensa e as relações públicas. A ação destas entidades não pode ser omitida, mas os fatores determinantes no surgimento das Sciences de l'Information et de la Communication (SIC), em França, apareceram do lado da pressão social e da evolução do capitalismo pós-1945, refletidos no ensino secundário e, sobretudo, universitário, cada vez mais desafiado a dar resposta a um mercado que crescia e se diversificava espantosamente. Os debates intelectuais e a produção teórica anterior e posterior a maio de 1968, ainda que muito relevantes, também não tiveram peso superior ao fator institucional educativo.

A criação de vias profissionais e de diplomas específicos, sobretudo a partir de meados da década de sessenta, impulsiona a institucionalização das SIC de uma forma algo heterogénea, mas que formará um conjunto consistente com as seguintes designações para as especialidades ministradas em diferentes universidades: informação e documentação (entre 1967 e 1974, sem o complemento “aplicadas às empresas ou organizações”), comunicação (posteriormente acrescentada de “organizacional”), jornalismo e “profissões do livro” ou “edição e mercado”. É interessante notar que o qualificativo informação designou, inicialmente, tanto jornalismo como informação competitiva, inteligente ou de empresa e há que sublinhar, também, que esta formação profissional, desenvolvida para atender às necessidades crescentes do mercado, encontrou nos Instituts Universitaires de Technologies (IUT) espaço adequado e pioneiro. Com efeito, foi aí que amadureceram os professores que se tornariam os especialistas de uma disciplina em gestação e foi aí, dentro do IUT – departamento Carrières de l'Information, que se agruparam todas as profissões que, de uma maneira ou de outra, tinham por matéria um objeto difícil de definir – a informação. A amplitude e a ambiguidade deste conceito axial permitiram agregar saídas profissionais bastante diversas a ponto de se tornar necessário oferecê-las aos estudantes através de duas grandes opções e criando, dentro delas, cinco subopções. Debaixo da opção Comunicação surgiram, como variantes ou ramos, o jornalismo (sob todas as formas),

a publicidade (que se deixou de chamar, por efeito de uma “ambiciosa usurpação de sentido”, comunicação) e profissões com designações diversas decorrentes da comunicação empresarial. Por seu turno, a opção Documentação foi subdividida em documentação propriamente dita e profissões do livro, nas quais se incluíam a atividade editorial, livreira e o trabalho em bibliotecas (Meyriat & Miège, 2002, pp.46-48).

O modelo formativo e profissionalizante consolidou-se e expandiu-se, instalando--se como oferta ao nível de licence e maîtrise (generalistas em informação e comunicação), bem como ao nível de diplomas de estudos superiores aprofundados, pelas universidades em geral. E esta expansão e legitimação académicas exigiam, naturalmente, um reforço da credibilidade científica que surgiu, de início, à margem das pressões e das exigências do mercado e da formação especializada de profissionais mais bem preparados e competentes, tendo como protagonistas principais três docentes-investigadores, representando três tendências diferentes no vasto e difuso campo das SIC: Roland Barthes, Robert Escarpit e Jean Meyriat organizaram uma reunião, que teve lugar em fevereiro de 1972 na Maison des Sciences de l’Homme, em Paris, e que contou com a participação de quarenta e quatro pessoas, na maioria universitários. Dessa iniciativa marcante resultou a decisão de criar um comité das ciências da informação e da comunicação, destinado a obter junto do comité consultivo das universidades uma nova secção consagrada às SIC, a conseguir o reconhecimento destas como uma especialidade capaz de formar doutorados e a ter lugar entre as secções disciplinares do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Esse jovem comité dedicou-se à missão fundadora, do ponto de vista teórico, de precisar os contornos do novo domínio, delimitando as suas fronteiras. Coube-lhe, nomeadamente, distinguir um núcleo de conhecimentos fundamentais, e outro de conhecimentos aplicados. No primeiro, foram identificadas a semiologia, a sociologia da informação e da comunicação, a história da informação, o estudo dos sistemas jurídicos, económicos e políticos da informação, a teoria da informação, a comunicação de massas (conjunto fluido que, entretanto, passou de moda) e a sociologia da literatura (ramo a que Robert Escarpit, formado e com trabalho reconhecido no estudo da literatura comparada, haveria de ligar o seu nome e esforço, bem evidenciado numa das obras seminais da teorização do campo das SIC) (Escarpit, 1991). No segundo núcleo, a par da bibliotecologia (e/ou biblioteconomia), da documentologia (ou documentação), da filmologia, dos estudos da imprensa, da publicidade ou do marketing vemos, também, estudos das relações sociais e da animação sociocultural e as denominadas ciências do espetáculo. Sem dúvida, uma lista muito heteróclita, mas que permitiu uma base de reflexão ulterior bastante profícua.

A linha de rumo para a fundamentação epistemológica fora, assim, dada e, entre outras achegas relevantes, a criação da Société Française des Sciences de l’Information et

de la Communication (SFSIC) e a realização dos seus congressos bianuais (o 1º teve lugar em Compiègne, em 21 e 22 de abril de 1978), estimularam imenso o seu aprofundamento e maturidade, bem evidenciados, aliás, no documento da 71ª secção do Conseil Supérieur des Universités (CSU), apresentado em junho de 1985, em que as SIC são assumidas claramente como um campo interdisciplinar (Meyriat & Miège, 2002, p. 60).

Desta sinopse das SIC no que toca à sua evolução e fundamentação teórico-metodológica, sobressai uma matriz claramente interdisciplinar ou de interdisciplina tecida a partir de diferentes e complementares abordagens científicas específicas: trata-se de uma interdisciplina com fronteiras porosas, quer com outras interdisciplinas, nomeadamente as ciências da educação e interciências como os sistemas de informação e as ciências cognitivas, quer com disciplinas avulsas bem demarcadas. E, com a particularidade de acolher no seu seio o que alguns autores, posicionados dentro da literatura francesa sobre a composição interna deste campo, denominam de documentologia, mas que na terminologia de uso espanhol é documentação e, em Portugal, se diluiu numa designação, entretanto posta em causa como rótulo de um modelo formativo anacrónico e desajustado – as ciências documentais (Silva & Ribeiro, 2002). É, aliás, nítido no que ficou exposto o recorte bastante acentuado que afeta o tópico de pesquisa informação-documentação, sendo assumido como uma vertente prática e profissional, sem referências teórico-metodológicas evidentes.

O caso francês destaca-se, no mundo, pelo seu cariz assumidamente institucionalista. Em outros países, a reunião em cursos, departamentos e faculdades dos tópicos informação e comunicação fez-se de baixo para cima e de forma muito circunstancial, embora não se possa dizer que haja ausência de uma consciência intuitiva do imperativo epistemológico que leva a uma abordagem concertada em torno de um objeto científico interdisciplinar, capaz de incidir no fenómeno infocomunicacional. Faltam, no entanto, estudos e relatórios que tracem a génese e evolução desta interdisciplina em Espanha, na Alemanha, nos países escandinavos e, especialmente, no espaço anglo-americano. Daí que se nos afigure oportuno e necessário, a partir da realidade específica das iSchools, mapear como o ensino e investigação em Informação e Comunicação se constitui em estratégia comum e convergente.

Mapear as CCI a Partir dos Websites das iSchools

O projeto francês das SIC, apesar do significado que lhe podemos atribuir pelo facto de nos ajudar a pensar, do ponto de vista epistemológico, o campo da Ciência da Informação, na sua relação inter e transdisciplinar com outras áreas, com especial realce para as Ciência da Comunicação, não parece ter tido muitos seguidores à escala

internacional. Tanto quanto se conhece sobre a institucionalização do ensino e da investigação nos domínios da informação e da comunicação, são raros os exemplos de escolas/universidades que tenham implementado uma estratégia cientificamente pensada e fundamentada para, numa abordagem integrada, estabelecer um campo científico uno para as Ciências da Informação e da Comunicação, em consonância com o modelo francês. Mas, se a literatura científica de suporte a tal estratégia é praticamente inexistente, os exemplos concretos de universidades onde, de uma forma empírica, se estabeleceu esta relação natural entre as duas áreas, enriquecida, complementada e até estimulada pela óbvia presença das TIC, não são assim tão escassos e traduzem uma real e efetiva relação interdisciplinar, no que respeita às questões operativas e à construção de um conhecimento prático e aplicado.

Neste estudo exploratório, procurámos mapear a implementação das SIC no contexto universitário, ou seja, a institucionalização das áreas da informação e da comunicação, numa perspetiva integrada, em faculdades e departamentos, designadamente pela oferta de programas de licenciatura, mestrado e doutoramento em que as duas áreas se interpenetram e convivem articuladamente com a mediação tecnológica. Para o efeito, decidimos focar a nossa atenção em escolas com um nível de qualidade amplamente reconhecido internacionalmente e nas quais a área fundamental da Ciência da Informação apresenta uma abordagem mais inovadora, embora não perdendo a matriz fundadora tradicional, consensualmente designada por Library and Information Science. Tendo em conta este perfil, imediatamente nos pareceu que o universo das iSchools se ajustava bem ao objetivo pretendido e, portanto, elegemo-lo para análise da nossa variável de estudo.

A partir da consulta dos websites 33 das 72 instituições de ensino superior que fazem parte da rede das iSchools foi possível identificar os programas de formação que as escolas oferecem e perceber as suas linhas gerais de atuação no campo do ensino e da investigação. A análise individual de cada iSchool e dos respetivos programas de estudos permitiu estabelecer essencialmente três grandes categorias para classificar a oferta formativa, a saber:

- 1 - Library and Information Science, Information Studies;
- 2 - Communication Studies, Media, Journalism;
- 3 - Information Management, Information Systems, Informatics.

³ Informação disponível em: <http://ischools.org/members/directory/>

Uma vez estabelecidas estas categorias, contabilizaram-se as escolas que oferecem programas de formação em cada um desses três grandes grupos, tendo resultado o seguinte:

Library and Information Science, Information Studies	Communication Studies, Media, Journalism	Information Management, Information Technology, Informatics
48 escolas (66.67 %)	15 escolas (20.83 %)	48 escolas (66.67 %)

Esta primeira caracterização geral permitiu, desde logo, concluir que a linha mais tradicional da LIS (Library and Information Science) é predominante, embora muitas escolas optem pela designação de Information Studies, numa perspetiva mais lata. Por outro lado, é também muito comum a existência de formações na área da Gestão da Informação e dos Sistemas de Informação ou mesmo das Ciências da Computação, estando este tipo de programas presentes em 66.67 % das escolas, embora coexistam a par dos programas de cariz mais tradicional. Com efeito, em 33 escolas (45.83 %), as formações da área mais tradicional – Library and Information Science – são ministradas em paralelo com programas de pendor claramente tecnológico, havendo mesmo uma natural articulação entre eles.

Não nos parece surpreendente o resultado obtido, pois ele é o espelho daquilo que caracteriza globalmente as iSchools. Contudo, o objetivo deste estudo procurava ir além desta caracterização e pretendia sobretudo perceber a relação entre a Informação e a Comunicação e averiguar até que ponto aparecem associadas nas iSchools, evidenciando uma construção epistemológica do tipo das SIC francesas. A análise dos websites não permitiu chegar a conclusões muito óbvias no sentido de comprovar essa visão integrada. Na verdade, apenas em 13 escolas (18.06 %) foi possível identificar uma oferta formativa em que a Ciência da Informação, as Ciências da Comunicação e as Ciências da Computação convivem de forma articulada. É certo que, em algumas das iSchools (9 = 12.50 %), existe claramente uma aproximação entre a Informação e a Comunicação, o que, além do mais, tem expressão nos próprios nomes das instituições, mas os números indicam que esta relação tem pouca expressão no conjunto global das iSchools. A título de exemplo, podem-se referir as seguintes escolas como ilustrativas da visão integrada que procurámos mapear:

- Florida State University: College of Communication and Information (USA)
- Michigan State University: Department of Media and Information (USA)
- Open University of Catalonia: Information and Communications Science Studies (Spain)

- Rutgers, The State University of New Jersey: School of Communication and Information (USA)
- University of Kentucky: College of Communication and Information (USA)
- University of Siegen: School of Media and Information (Germany)
- University of Tsukuba: Graduate School of Library, Information and Media Studies (Japan)

Apesar da relação evidenciada nas próprias designações, não é muito claro o aprofundamento epistemológico e teórico que sustenta essa aproximação, pois a visão integrada que os nomes das escolas sugerem nem sempre é compreensível quando nos debruçamos sobre os planos de estudos dos cursos que oferecem.

Estaremos perante uma situação em que, tal como aconteceu com a evolução da Ciência da Informação, a prática precede a teoria? A construção das Ciências da Informação e da Comunicação como campo científico surge sobretudo porque se estabelece uma relação natural entre as duas áreas, que visa atingir resultados do ponto de vista operativo e profissional, e não tanto porque existe uma estratégia epistemologicamente fundamentada para implementação desta área de conhecimento. Estas são questões que carecem de uma resposta e que nos impelem a propor ações concretas em prol do desenvolvimento desta área no contexto das universidades portuguesas, como veremos no ponto seguinte.

A Infocomunicação Investigada de Forma Convergente

O termo “infocomunicação” surge precedido do *e* (eletrónico) e com hífen em livro intitulado *e-Infocomunicação: estratégias e aplicações* (2014). A abrir há uma “nota do editor” que vale a pena registar:

As ciências da informação e da comunicação (CICs), campo interdisciplinar que na França já tem um perfil de vinculação académico-institucional e um recorte epistemológico consolidados, encontram, na presente obra, uma original dotação em contexto luso-brasileiro.

e-Infocomunicação: estratégias e aplicações é resultado do esforço comum de investigadores do NAP Escola do Futuro – USP/Observatório Digital, da Universidade de São Paulo, e do Cetac.Media, da Universidade do Porto e da Universidade de Aveiro. Esta publicação, parceria da Escola do Futuro com o Senac São Paulo, traz a público o conhecimento que vem sendo produzido no Brasil e em Portugal sobre o fenómeno infocomunicacional (E-Infocomunicação, 2014, p.7).

O termo *cunha* ou *fixa* várias significações: (1) um diálogo e uma prática assumidamente interdisciplinares; (2) a construção de um objeto científico que está para lá do senso comum e dos problemas, temas e tensões decorrentes das dinâmicas puramente profissionais (quer do lado do jornalismo e da comunicação multimídia, quer do lado das Bibliotecas, Arquivos, Museus, Sistemas de Informação e Gestão Documental e da Informação); (3) a remissão desse objeto para um fenómeno essencialmente humano e social, com evidentes implicações epistemológicas; e (4) um duplo movimento de investigação “pura” e aplicada, desenvolvendo-se sobretudo esta cada vez mais através da criação, da implementação e do uso das plataformas digitais. Enfim, todo um programa de “superação” face ao exposto nos pontos anteriores.

Superação, em primeira linha, do modelo francês, que cristalizou e que continua desequilibrado no tocante à “Ciência da Informação” aí inclusa, na verdade uma extensão informatizada da Documentação postulada por Paul Otlet. Em contraponto a isto, vimos desenvolvendo uma Ciência da Informação trans e interdisciplinar com agenda convergente com as Ciências da Comunicação e com uma fundamentação epistemológica mais simples e “prática”⁴ do que as deambulações epistemológicas plurais e “policromáticas” plasmadas nos textos dos autores franceses das *SIC*. Superação, também, do modelo anglo-americano, nomeadamente o das *iSchools*, mapeado atrás, no qual manifestamente falta um desiderato epistemológico agregador e diretor e onde o pragmatismo e as condições particulares de cada escola, mais a acentuada deriva tecnológico-digital, determinam os casos institucionais em que as áreas Informação e Comunicação se encontram associadas. E superação dos dois “modelos” pela ambição de constituir uma agenda de investigação que possibilite o trabalho conjunto dos investigadores da Comunicação com os da Informação, a partir de três eixos fundamentais:

1º - gênese/produção do fluxo informacional;

2º - organização e representação da informação;

3º - “recepção”, busca e uso ou comportamento informacional

Trata-se de uma agenda axial que nunca vimos apresentada e muito menos explorada e que ousamos esboçar aqui, porque se torna urgente dar consistência e corpo a uma intenção interessante, enraizada e institucionalizada em França desde 1974, mas ainda demasiado fluída: se esmiuçarmos as atas dos congressos realizados pela *Société Française des Sciences de l'Information et de la Communication* sobressai, desde logo, um forte desequilíbrio entre as comunicações de cariz sociológico, semiótico (semiológico e

⁴ Com este adjetivo estamos a remeter para a expressão “Epistemologia Prática”.

medialógico) e as relativas à “informação documental”, à “inteligência competitiva” e à gestão de conteúdos (organização, classificação e recuperação de informação), além de que não há ou é residual a existência de coautorias cruzadas, isto é, especialistas da Comunicação trabalhando com aproximações conceituais e metodológicas juntamente com os homólogos da Documentação e Informação. Um caminho interessante de cooperação podemos ir encontrá-lo, surpreendentemente, em Cuba, na Universidade de Habana, mais precisamente na Facultad de Comunicación⁴.⁵No entanto, esse processo de cooperação interdisciplinar efetiva entre as duas comunidades de cientistas albergados na mesma Escola está ainda numa fase elementar, isto é, as partes buscam complementaridades: os especialistas em informação preocupam-se em mostrar como as suas valências – nomeadamente nas questões relacionadas com a comunicação científica, mais concretamente a biblio/infometria, e em tudo o que se relacione com a receção/uso de informação, bem como das estratégias infocomunicacionais quer de busca, quer de mediação – convergem em pleno e possuem um notório interesse para os que trabalham no campo da comunicação. Aliás, é interessante notar que este movimento de exposição e aproximação tem sido unilateral, isto é, daqueles para estes e não vice-versa.

A problemática da génese do fluxo informacional (1º eixo) em rigor tem a ver com o fluxo infocomunicacional e, deste modo, uma análise contextual ou orgânico-funcional de uma instituição ou entidade de qualquer outro tipo conjuga-se perfeitamente com a análise de conteúdo e de discurso, porque este é indissociável da entidade que o produz. Se passarmos para um plano exemplificativo podemos trazer à colação o seguinte: um investigador de comunicação a trabalhar o discurso ideológico do serviço noticioso ou de programas noticiosos de um canal de televisão privada não empobrece a sua análise e até a reforça e amplifica se a cruzar com os instrumentos de análise da Ciência da Informação, que inclui os modelos mais operacionais de gestão. Estes ajudam a entender como a ideologia é segregada e através de que tipo de aparelho político-administrativo – se sofisticado, profissional, personalizado, se disforme ou obsoleto... Há, assim, uma efetiva transacionalidade ou circularidade de práticas metodológicas dentro do campo interdisciplinar das Ciências da Comunicação e da Informação. Note-se, aliás, que se trata de uma evidência, mas o curioso é que apesar de evidente continue ausente da conduta dos investigadores do campo e surja, aqui, proposta como se de uma novidade se tratasse!...

Se pode, pois, surpreender que haja uma convergência no estudo do contexto tanto para a criação da informação como para o desenvolvimento do fluxo em termos comunicacionais, é natural que a surpresa prossiga tendo em foco o 2º eixo, uma vez que

⁴ Uma imagem deste esforço, que vem sendo feito, está refletida no número especial organizado por Gloria Ponjuán para a revista *Prisma.com*, (31): especial (2016).

os aspetos relacionados com a organização e a recuperação da informação são conotados exclusivamente como tópicos técnicos da área da gestão de informação. No entanto, uma abordagem mais fina e que leva já um certo tempo de maturação permite converter qualquer produtor e/ou gestor de informação num mediador colocado simétrica e ativamente entre a génese/criação e o uso da informação. Em nenhum caso o mediador é passivo, embora haja uma diferença entre mediar o acesso através de descritores ou metadados dos conteúdos produzidos e mediar noticiosamente o que ocorreu ou está a ocorrer seja em que segmento da realidade for. Essa diferença é concreta e é bem mais visível no plano comunicacional através do exercício analítico e hermenêutico, enquanto as falhas intencionais ou acidentais verificadas nos pontos fornecidos para acesso direto e amplo aos conteúdos podem ser mais subtis, menos perceptíveis, e os seus efeitos negativos e censuráveis mais toleráveis. Há, no entanto, uma situação mediadora que atenua bastante a diferença apontada: os resumos de artigos científicos em particular, mas também de livros e de qualquer outro tipo de informação posta a circular, são passíveis de evidenciar uma mediação ainda mais imperfeita que a subjacente aos textos a que se reportam e, neste caso, a análise de desconstrução do discurso é a mesma via a seguir.

Por último, temos o 3º eixo e aqui a transação metodológica é, sem dúvida, mais óbvia e é mais fácil montar projetos e estratégias comuns de pesquisa. Desde logo, porque é redutor reclamar só para a Ciência da Informação o estudo do “comportamento informacional”, sendo certo que no seu seio prossegue a discussão sobre se o termo comportamento, por conta de seu cariz demasiado “behaviorista”, não deve antes ser substituído por “práticas” de inspiração mais sociológica e de raiz marxista. Mas aceitando-se que a busca, o uso e a reprodução de conteúdos mediados cabem dentro do termo comportamento, criticamente ressignificado, a expressão que faz todo o sentido empregar é a de comportamento infocomunicacional, convergindo para o respetivo estudo o já amplo legado de investigação em torno dos mecanismos e dos efeitos da receção por parte de leitores, ouvintes, telespetadores, “consumidores” ou “público em geral”. Um legado rico e composto de “camadas”, isto é, desde as abordagens mais quantitativas e superficiais até às amostras mais pequenas indagadas em profundidade, com relevo tanto para as condições externas de consumo (busca e uso), como internas (culturais e psicológicas de cada pessoa em particular). Estamos numa área onde é possível importar e fecundar os estudos que se cingem ao modo de busca, uso e transformação da informação com os designados “estudos culturais”, mesmo que para isso seja preciso delimitá-los melhor pois sua amplitude e variedade têm proliferado sem restrições conceituais. Estamos perante um território a explorar, em que, por exemplo, as análises da “cultura visual” permitem cartografar os caminhos rasgados pelo meio da codificação áudio-imagética em suporte

digital que as pessoas são hoje obrigadas a trilhar e, ao fazê-lo, comportam-se infocomunicacionalmente, convertendo-se em objeto de estudo com vista à fixação e aplicação de modelos. Os modelos de comportamento até hoje propostos e recenseados em Ciência da Informação não beneficiaram minimamente do contributo dos “estudos culturais”. Há toda a conveniência em que a fecundação interdisciplinar aconteça e quanto mais brevemente melhor.

Referências Bibliográficas

- Passarelli, B.; Silva, A. M. da; Ramos, F. (org.). (2014). *E-Infocomunicação: estratégias e aplicações*. São Paulo: Editora Senac.
- Escarpit, R. (1991). *L'Information et la communication: théorie générale*. Paris: Librairie Hachette.
- Meyriat, J.; Miège, B. (2002). Le Projet des SIC : de l'émergent à l'irréversible: fin des années 1960 - milieu des années 1980. In: Robert Boure (ed.). *Les origines des sciences de l'information et de la communication: Regards croisés*. (pp. 45-70) Villeneuve d'Ascq (Nord): Presses Universitaires du Septentrion.
- Dante, G. (ed.) (2016). Contribuciones cubanas en infocomunicación. *Prisma.com:Revista de ciências e tecnologias da informação e comunicação*. (31): especial.
- Silva, A. M. da; Ribeiro, F. (2002). *Das "Ciências" documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento.